



OS SMURFS 2

LIVRO DO FILME

ASA

Capítulo 1



O Smurf Narrador abriu um livro e começou a ler:
– Era uma vez... uma aldeia onde os Smurfs viviam felizes, sem saberem que, não muito longe dali... – Virou a página e, por um momento, olhou fixamente para um *pop-up* a três dimensões de um castelo tenebroso a desmoronar-se. Franziu as sobancelhas e continuou: – ... o terrível feiticeiro Gargamel arquitetava um plano diabólico!

O Smurf Narrador puxou uma aba do *pop-up* e uma assustadora silhueta em papel do Gargamel a usar um manto negro esvoaçante e uns sapatos vermelho-vivos saiu projetada daquela página.

Uma arrepiante música de fundo começou a soar e o Smurf Narrador continuou:

– O tipo de plano diabólico que é sempre seguido de um riso igualmente diabólico. E esse plano ecoava medo pelas casas-cogumelo dos Smurfs.

A música estava demasiado alta. Nem o Smurf Narrador se conseguia ouvir a ler. Então, baixou o livro e olhou demoradamente para a orquestra de Smurfs ali perto. Todos tinham um instrumento musical, exceto o Smurf Maluco, que apenas imitava o som de uma trombeta. Mas foi ele que resolveu interromper.

– Então, malta? Se abafarem o Smurf Narrador, ninguém vai conseguir perceber o que acontece a seguir – disse, virado para o Smurf Na-Boa, o maestro.

– Não há problema – respondeu o Smurf Na-Boa com uma voz grave. – Vamos tocar uma música calma.

A orquestra rapidamente mudou de tom e começou a tocar algo mais suave.

O Smurf Narrador preparou-se para continuar.

– Estou a tratar da minha última criação: uma rapariga irresistível que se infiltrará na aldeia dos Smurfs, traíndo-os – leu ele, fingindo ser o Gargamel.

Havia um desenho da Smurfina na página seguinte. Mas esta não era a Smurfina que os Smurfs adoravam. Era uma versão antiga, quando ela ainda tinha cabelo preto. O Smurf Narrador passou um pincel sobre aquela imagem, fazendo com que a pele clara da Smurfina ficasse azul.

– Os Smurfs encontraram a criação do Gargamel e levaram-na para a aldeia, onde a sua natureza selvagem e travessa causou muitos estragos.

O Smurf Narrador ergueu as imagens para que todos pudessem vê-las: a Smurfina a derrubar a escada do Smurf Pintor; a pisar os óculos do Smurf dos Óculos; a destruir coisas de propósito!

– Os Smurfs queriam que ela se fosse embora – continuou o Smurf Narrador, desdobrando uma cena na casa-cogumelo do Grande Smurf, onde vários Smurfs irritados aguardavam à porta. – Mas o Grande Smurf viu o que havia de bom nela. Com amor, carinho, brincadeiras, mais amor, deliciosas tartes de fruta, longas caminhadas e, claro, uma fórmula mágica secreta, transformou-a na Smurfina, a queridinha da aldeia dos Smurfs.

O Smurf Narrador abriu uma porta *pop-up* para a casa-cogumelo do Grande Smurf e, lá dentro, viu-se uma silhueta em cartão da nova e melhorada Smurfina. O seu cabelo era agora loiro e o seu sorriso, sincero.

– Foi um dia que jamais esqueceremos – disse o Smurf Narrador, sorrindo. – O dia em que a nossa Smurfina renasceu.

Com um suspiro alegre, o Smurf Narrador tirou os olhos do livro. Toda a aldeia tinha vindo ouvi-lo contar a história da Smurfina. Estavam todos reunidos na margem de um pequeno lago. Quando o Smurf Narrador fechou o livro, apontou para o céu, na direção de um penhasco junto ao lago.

A Smurfina apareceu no cimo desse penhasco, com um sorriso radiante. Ergueu os braços e executou

na perfeição um triplo mortal com pirueta, mergulhando graciosamente na água.

Os Smurfs aplaudiram entusiasticamente.

– E foi assim que a família Smurf aumentou.

Fim da história. Ou será que não?

A Smurfina saiu do lago e, de costas voltadas, sacudiu o cabelo molhado. Em seguida, virou-se.

– Que crentes e estúpidos Smurfs! – exclamou ela com uma gargalhada. O seu rosto era sinistro. O seu cabelo loiro parecia estar a transformar-se em cabelo preto. – Agora vocês são nossos! – E olhou para as profundezas sombrias do lago, chamando: – Paizinho!

Naquele momento, surgiu um clarão no céu e o Gargamel elevou-se do lago, com a água a borbulhar violentamente à sua volta. E projetou-se sobre os Smurfs como um gigante.

– Muito bem, minha filha! – riu-se o Gargamel.

O Smurf Apavorado gritou:

– Está vivo! Está vivo!

Todos os Smurfs desataram a correr.

– Ela enganou-nos! – gritou o Engenhocas.

– Ela está a voltar! – exclamou o Guloso ao ver a pele da Smurfina a tornar-se clara de novo.

– Smurfem para as montanhas! – gritou o Padeiro a descer por um caminho estreito.

– O mundo como nós o conhecemos vai deixar de existir! – exclamou o Apavorado, correndo atrás do Padeiro.

O Gargamel preparou-se para se lançar sobre eles.

O Smurf Maluco imitou o som de uma trombeta, fazendo soar o alarme.

Os Smurfs foram rápidos, mas a Smurfina foi ainda mais rápida. Passou para a frente deles e abanou uma varinha de condão em forma de dragão. E um raio de energia azul atirou o Smurf Maluco pelo ar.

– Sim, minha linda criação! Tu realmente és a menina do papá! – disse o Gargamel, elogiando a Smurfina.

O feiticeiro esfregou as mãos de contentamento. Finalmente, os Smurfs eram dele...

– AAHHHH! – gritou a Smurfina ao acordar, dando um salto na cama, com os olhos arregalados e a suar.

O Grande Smurf estava lá, sentado aos pés da cama, e afagava as suas barbas brancas enquanto o pesadelo se desvanecia.

– Oh, Grande Smurf! – exclamou a Smurfina, lançando-se para ele e abraçando-o.

O Grande Smurf abraçou-a com força, afagando-lhe as costas até ela se acalmar.

– Pronto, pronto! Está tudo bem. Outra vez o mesmo pesadelo? – perguntou.

A Smurfina acenou com a cabeça para responder que sim, a tentar reter as lágrimas.



O Smurf Narrador retomou a história no ponto em que tinha interrompido. Ele estava de pé, ao fundo da cama da Smurfina.

– E, assim, mais uma vez na véspera do seu aniversário, a pobre Smurfina foi assombrada por sonhos terríveis sobre “Quem sou eu?” e “De onde é que eu venho?”; perante isto, até o mais meigo dos Smurfs seria conduzido ao limiar da loucura...

– Ok, Smurf Narrador. Já chega! – exclamou o Grande Smurf, apontando para a porta do cogumelo.

Com um gemido, o Smurf Narrador fechou o seu livro e abandonou o quarto.

A Smurfina deitou-se sobre as almofadas e disse:

– Grande Smurf, todos os anos, na véspera do meu aniversário, tenho estes sonhos horríveis sobre de onde vim, o que faz com que fique a pensar sobre quem sou realmente.

O Grande Smurf pegou na mão da Smurfina e segurou-a com firmeza.

– E todos os anos eu te digo: não importa de onde vens. O que importa é quem escolhes ser.

A Smurfina não tinha tanta certeza disso.

– Mas não te fies na palavra deste velho Smurf – disse-lhe o Grande Smurf. – Vai e vê com os teus próprios olhos. É aqui que tu pertences.

Capítulo 2



Na aldeia dos Smurfs, estes preparavam uma festa-surpresa para o aniversário da Smurfina. Estavam entretidos a pendurar decorações e a preparar jogos, enquanto cantavam a sua canção Smurf preferida: a canção *Lá Lá*.

O Trapalhão interrompeu a música.

– Ouçam só esta ideia: como é o aniversário da Smurfina, vamos antes cantar os *Parabéns!*

Os Smurfs concordaram e começaram de novo a cantar. Mas era a mesma canção *Lá Lá*.

O Resmungão estava a ajudar o Engenhocas a pendurar num ramo de árvore uma pinhata que fazia lembrar o Gargamel.

– Um pouco mais para baixo, Resmungão – pediu o Destemido. – Tenho de conseguir derrubá-la para ganhar as Smurfbagas.

De repente, o Padeiro apercebeu-se de um problema com o seu bolo. Faltava-lhe um grande bocado.

– Ei! Quem é que smurfou um bocado do bolo de aniversário da Smurfina?

O Guloso tentou esconder a cara com as mãos, porque as suas bochechas estavam cobertas de creme.

– Não fui eu! – disse, engolindo à pressa.

O Smurf dos Óculos estava a arrumar os presentes.

– Aqui está o meu presente para a festa-surpresa da Smurfina – disse o Brincalhão com uma caixa nas mãos.

O Smurf dos Óculos recusou-se a pegar nela.

– Então, Brincalhão! Achas mesmo que eu, o Smurf mais esperto da aldeia, ia cair nessa? Podes dar-me apenas o cartão.

Sem contestar, o Brincalhão lá tirou um envelope que estava por baixo da fita do presente e entregou-o ao Smurf dos Óculos.

BUM!

O envelope explodiu.

A cara do Smurf dos Óculos ficou preta.

– Com esta é que me smurfaste! – disse ele com um gemido.

– Ah, ah, ah! – riu-se o Brincalhão.

Foi então que a porta do cogumelo da Smurfina começou a ranger.

– Ela vem aí! – avisou o Apavorado.

– Código azul! Código azul! – gritou o Valentão, a avisar.

– Nós somos Smurfs! Tudo é código azul! – comentou o Smurf dos Óculos com uma risada abafada.

– Código amarelo! – gritou desta vez o Valentão.

– Amarelo é calmante. É a cor do Sol... – disse o Smurf dos Óculos, abanando a cabeça.

– Código vermelho! – gritou o Valentão apontando para a Smurfina, que se dirigia para eles.

O Smurf dos Óculos escondeu os presentes atrás de um arvoredo; o Engenhocas atirou umas lonas para cima das decorações. E todos os Smurfs começaram a assobiar, a tentarem parecer descontraídos.

Assim que a Smurfina passou por eles, o Destemido sussurrou:

– Esta foi por pouco, não foi, malta?

O Smurf dos Óculos pôs as mãos à cintura e começou a bater com o pé.

– Eu não vos avisei de que não podiam preparar as coisas com muita antecedência, porque a Smurfina podia aparecer e estragar tudo?

O Valentão revirou os olhos e comentou:

– E o que é que há de novo nisso tudo?



A Smurfina não ouviu nada sobre a festa-surpresa. Mas ouviu o Smurf dos Óculos dizer qualquer coisa

sobre o facto de ela estragar tudo. Ela não percebeu o que ele quis dizer com aquilo, mas ficou triste.

Contudo, pôs de lado os seus sentimentos e fingiu não ter ouvido nada.

– Olá, rapazes! Quem quer ir dar um passeio comigo neste dia especial?

– Haa, olá, Smurfina. Especial? O que é que hoje tem de especial? – disse o Destemido, com um ramo de flores na mão.

– Ahh, isso é para mim? – perguntou a Smurfina, esperançosa.

– Continua a sonhar! – E o Destemido atirou o ramo de flores ao Valentão. – Pega, para reparares a barragem.

O Valentão atirou-o outra vez para o Destemido e disse:

– Pega tu nele, seu Smurf ingrato!

E engalfinharam-se os dois por causa das flores.

A Smurfina, carrancuda, dirigiu-se então para o Vaidoso. Ele estava a olhar-se ao espelho.

– E tu, Vaidoso? Podes olhar para o teu reflexo no lago – sugeriu a Smurfina.

O Vaidoso pousou o espelho e disse:

– Estou um pouco cansado de olhar para mim, Smurfina. – Deu mais uma espreitadela ao espelho e sorriu. – Como se isso fosse possível!

– Então, ninguém quer ir comigo? – perguntou a Smurfina, olhando para todos os Smurfs.

Num ápice, todos eles lhe viraram costas. Tudo o que ela via eram costas azuis.

De repente, a Smurfina viu um Smurf com um bloco de notas na mão, a correr para o centro da aldeia.

– Ei, Smurf Faz Festa! – chamou a Smurfina. – Estás a planear alguma *diversão* de que eu deva saber?

O Smurf Faz Festa olhou para o seu bloco de notas.

– Não. Nada até ao Feriado Smurf. Vai ser de arrasar! Vou pôr-te na lista de convidados.

A Smurfina baixou a cabeça, desanimada e triste.

O Agricultor aproximou-se dela e tocou-lhe nas costas, dizendo:

– Sabes que, de vez em quando, é bom ter algum tempo só para nós.

Os outros Smurfs concordaram, acrescentando:

– Sim, podes ir!

– Não há problema!

– Não precisamos de ti aqui!

– Ninguém me quer – soluçou a Smurfina, virando costas aos seus amigos e dirigindo-se para a floresta.



Quando a Smurfina se foi embora, o Engenhocas disse:

– Parece que conseguimos safar-nos, não achas, Smurf Despistado?

O Smurf Despistado ponderou na resposta.

– Ela parecia muito abatida. Porque é que não organizamos uma festa-surpresa para ela?

O Smurf dos Óculos deu um sopapo na testa do Smurf Despistado.

– Mas nós *estamos* a organizar uma festa-surpresa para ela. Tirem-no daqui!



O Smurf Narrador seguiu a Smurfina pelo caminho que levava até à cascata.

– E, assim, a Smurfina caminhou floresta dentro, sozinha e triste.

De repente, ela parou e virou-se para ele.

– Desculpa, Smurf Narrador, mas será que podia ficar sozinha com os meus pensamentos?

– Desculpa, Smurfina – disse o Smurf Narrador. – Estou só a tentar ajudar as pessoas a *perceberem* aquilo que estás a sentir. Mas, aparentemente, ninguém quer a minha narração. Bem, vou estar do outro lado da floresta, a narrar a vida dos esquilos.

E afastou-se.

A Smurfina atirou uma pedra para o lago, depositando-se esta bem no fundo.

– Se calhar, o meu lugar não é realmente aqui.